

## **Representação artística das mulheres divinas e mitológicas na odisseia politeísta em A Odisseia de Penélope (2020) de Margaret Atwood**

**Luiz Antônio Pereira Lima Neto**

Mestrando em Educação e Cultura

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: [luiz20136@gmail.com](mailto:luiz20136@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2053-167X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0497856346957216>

**Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares**

Doutora em Estudos Literários

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: [lucilena@ufpa.br](mailto:lucilena@ufpa.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8718-0494>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9432855899972772>

### **RESUMO**

Durante séculos, a história real e literária foi contada e composta, em sua grande maioria, por um cânone patriarcal. À mulher, coube, muitas vezes, um papel subalterno, nas narrativas e artes visuais é retratada, estereotipicamente, como submissa, hostil ou auxiliar masculina. Ao longo da historicidade, as referências da participação feminina nas diversas instâncias da sociedade são em menor grau em comparação aos homens. Metodologicamente, este texto apresenta-se do tipo exploratório e bibliográfico, com o objetivo de analisar A Odisseia De Penélope (2005), da autora canadense Margaret Atwood, tendo como foco a representação de Penélope, para discutirmos sobre as diversas formas em que as mulheres foram representadas nas artes visuais e literárias por artistas homens. A obra revisita o clássico A Odisseia (1488), creditada a Homero, a partir de uma nova perspectiva sobre a personagem Penélope, cuja autorrepresentação e versão sobre os fatos ocorridos a tornaram conhecida, tecendo, assim, sua própria narrativa. A partir do contexto politeísta de A Odisseia, visamos discutir quais papeis as divindades femininas, como Atena e Circe, têm na condução das personagens e como foram retratadas. Para a construção do referencial teórico desse texto, nos baseamos em autores como, de Atwood (2020), Chartier, (2002), Garcia (2015), Federici (2023), Homero (2013), Perrot, (2019), Pizan, (2012), Rago, (2002), além de outras pesquisadoras que tratam de questões de gênero e literatura. Como resultados deste estudo, foi possível perceber que tanto no universo ficcional quanto real a figura feminina vem sendo retratada nas narrativas e artes visuais de acordo com concepções patriarcais e discriminatórias, colocando-a assim, em uma posição secundária em relação ao homem, o que dificulta, frequentemente, o alcance de uma sociedade democrática e com equidade.

**Palavras-chave:** Representação Feminina. Arte. Mitologia. Penélope.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este texto versa sobre a construção da figura feminina na História mundial. Ao revisitarmos a historicidade, notamos que a maioria das pessoas em destaque, presentes nos livros e artes visuais, é formada por homens cisgêneros, brancos, heteronormativos, ocidentais e de economia abastada. As referências da atuação feminina e a escrita de mulheres nos arquivos da História são em menor número, em comparação a



dos homens, e, quando é feito, são representadas de forma estereotipada como submissa, indefesa, louca ou hostil.

Essa historicidade foi constituída por uma sociedade androcêntrica, em que o homem está em destaque e controle, como adverte Garcia:

O mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade. Isto é o androcentrismo: considerar o homem como medida de todas as coisas. O androcentrismo distorceu a realidade, deformou a ciência e tem graves consequências na vida cotidiana. Enfocar um estudo, uma análise ou pesquisa a partir unicamente da perspectiva masculina, e utilizar os resultados como válidos para todo o resto do mundo, faz com que todo o conhecimento produzido não seja confiável ou, no mínimo, tenha enormes lacunas e confusões. Um bom exemplo de androcentrismo são os meios de comunicação. A visão androcêntrica do mundo decide e seleciona quais fatos, acontecimentos ou personalidades são notícias, quais serão primeira página e a quem ou ao que dedicar tempo e espaço (Garcia, 2015, p. 15).

Nesse sentido, os escolhidos para representar a sociedade, como políticos e líderes sociais são, em sua maior parcela, homens. Tornando-se os sujeitos principais da história, são assim, a referência para todas as decisões da sociedade, colocando a mulher em uma posição de segundo plano e dependente do gênero masculino. Dessa maneira, problematizamos as causas de a História mundial oficial ser em maioria escrita e constituída por homens. Por qual motivo isso se constitui sem a presença das mulheres? Quando feitas referências às mulheres, como sua participação vem sendo retratada e apresentada? De qual forma foram representadas? E no caso, na obra *A Odisseia De Penélope* (2005).

Historicamente, coube à religião e aos mitos a explicação da formação e desenvolvimento da humanidade, nesse sentido, a mulher também foi colocada em posição negativa em relação aos homens, como nos explica Garcia:

É preciso ressaltar que, ao longo da história da sociedade ocidental, muitos discursos de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres foram produzidos. A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do Paraíso (Garcia, 2015, p. 12).

Diversas figuras femininas foram responsabilizadas pelo ato de curiosidade, Pandora tornou-se lendária ao liberar de sua caixa todos os males humanos, mas também liberou a esperança, menos lembrada. Eva foi estigmatizada como a mulher que ousou desafiar as regras de um Deus masculino e buscou o fruto do conhecimento.

Em relação à mitologia grega, uma das primeiras mulheres de destaque na escrita da história literária, e que também foi representada de maneira estereotipada como modelo de mulher fiel e em posição inferior ao homem, é Penélope, personagem presente no imaginário popular e em obras como *Iliada* e *Odisseia* (IX à VII a.C.), creditada ao poeta grego Homero e que aconteceria entre os séculos XII - VIII a.C., na Grécia



Antiga. As obras narram os acontecimentos da Guerra de Troia e a volta de Ulisses, esposo de Penélope, para casa.

Margaret Atwood, premiada autora de contos, ensaios, poemas e romances, faz uma releitura de *A Odisseia*, em *A Odisseia de Penélope* (2005). A escritora canadense, busca apresentar, uma perspectiva a partir do que define ser autorrepresentação de Penélope, tecendo sua própria narrativa, é assim, protagonista de sua própria Odisseia. Entretanto, como os relatos misturam fatos com ficção, e não existem comprovações históricas suficientes para confirmar se Penélope ou os fatos que a sucederam realmente são reais, iremos tratá-la como personagem literária.

No mesmo universo escrito por Homero, as divindades Atena e Circe também têm papel de destaque nos acontecimentos, porém são retratadas segundo concepções patriarcais e em correlação com Ulisses, pois interferem em sua jornada de volta para Ítaca. Assim, exploraremos a maneira que são descritas e suas representações visuais.

## 2 METODOLOGIA

Esperamos como esse texto fazer uma análise sobre o tema da representação feminina e o apagamento imposto às mulheres, pois estudar o gênero na historiografia, segundo Rago:

Trata-se em último termo de avançar para uma história que seja capaz de perceber a complexidade dos processos sociais desde uma ótica que tenha em conta a diversidade de sujeitos que participem deles. É evidente que o esquecimento, abandono, dissimulação ou como queiramos dizer, da mulher como sujeito ativo em tão grande parte da historiografia não contribuiu de nenhuma maneira a proporcionar uma escrita histórica satisfatória, senão que ao contrário contribuiu ao assentar a história como discurso ideológico das classes dominantes (Rago, 2002, p. 15).

A história foi, literalmente, escrita pela classe dominante e dominadora, a masculina, impondo à mulher determinadas categorias discriminatórias. Partindo disso, buscamos analisar a maneira como isso ocorre às mulheres míticas e divinas da *Odisseia*.

A pesquisa para esse trabalho constitui-se em uma abordagem do tipo exploratória que teve como “finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51-52) e bibliográfica, pois foi necessário pesquisar, analisar, fichar e sistematizar todo material teórico que pudesse se relacionar com a temática a ser estudada. A pesquisa bibliográfica foi de suma importância pois:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou



contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Nosso material de análise foi feito com base na obra *A Odisseia de Penélope* (2005), onde observamos as condições de produção fictícias e/ou imaginárias do real para compreender o papel da mulher e sua representação no material publicado.

Teoricamente debruçamo-nos sobre os estudos de Atwood (2020), Chartier, (2002), Garcia (2015), Gomes (2013), Federici (2023), Hodges (2022), Homero (2013), Perrot, (2019), Pizan, (2012), Rago, (2002) e Santos, (2015), para atingirmos os objetivos de compreender as representações narrativas e artísticas de figuras femininas de destaque como Penélope, Atena e Circe, presentes no universo politeísta da Odisseia.

### **3 REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA E NARRATIVA DAS MULHERES MÍTICAS E DIVINAS**

Nas próximas seções, investigamos a representação de figuras femininas descritas no universo politeísta da *Odisseia* e de qual maneira são (d)escritas e representadas nas narrativas e artes visuais. Dessa forma, é fundamental compreender o conceito de representação:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade (Chartier, 2002, p. 165).

Retratadas pelos homens de determinadas maneiras, as mulheres são colocadas em categorias e, assim, acabam se submetendo ao ideal masculino, como, de esposa ideal, dedicando sua vida e tempo ao companheiro e família. Além de impor certos padrões, para que outras mulheres também o sigam, como a mulher que se comporta discretamente em público, não chamando atenção para si mesma. A categoria experiência, dentro da história cultural, é importante, pois ajuda-nos a “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p.17). Fazendo-nos entender melhor a historicidade da mulher pela e na obra literária.

Para entendermos a participação feminina na historicidade precisamos retomar uma das principais esferas que comandam ou comandaram a sociedade: a religiosidade, no caso as crenças politeístas. O contexto e sociedade em que se encontravam Penélope e Odisseu, os reis de Ítaca, eram politeístas, ou seja, acreditavam em variados deuses e deusas. Assim, precisamos compreender qual papel as personagens femininas, divinas ou não, têm no universo da *Odisseia* e de qual forma estas foram retratadas. Nesse trabalho destacaremos três diferentes representações da mulher: a fiel, a protetora e a perigosa.

#### **3.1 PENÉLOPE E A REPRESENTAÇÃO DE MULHER IDEAL**

Para podermos compreender melhor a história de Penélope, e também sua nova representação, é



necessário conhecer o contexto no qual está inserida. Na primeira obra, *Iliada*, formada por vinte e quatro cantos, é narrada a famosa Guerra de Troia contra Grécia, que duraria cerca de dez anos. Os eventos se iniciam com o rapto (ou fuga) de Helena, prima de Penélope e esposa de Menelau, rei de Esparta. Helena foi levada pelo amante Páris, príncipe de Troia (atual região da Turquia). Para recuperar a esposa, e também conquistar o território Troiano, Menelau invoca a ajuda de Deuses e Deusas e de diversos guerreiros como Aquiles, famoso pela força, mas também pela fragilidade representada pelo calcanhar, e Odisseu, esposo de Penélope.

A guerra é vencida pelos gregos, ao utilizar de um artifício idealizado por Odisseu. Fingem declarar derrota e a retirada de Troia, deixando um cavalo de madeira, que seria dado como presente aos Troianos. Entretanto, Odisseu e seus guerreiros se escondem dentro do Cavalo de Troia que foi levado para dentro da cidade. À noite, enquanto a população dormia, os gregos saem do esconderijo e conquistam os troianos e a cidade, levando Helena de volta para Menelau.

O segundo livro, *Odisseia*, título derivado de Odisseu, narra, também em vinte e quatro cantos, o retorno do guerreiro ao reino de Ítaca, e, em paralelo, as provocações acerca da fidelidade de Penélope. A viagem de regresso, em navio, durou mais dez anos e é permeada por diversas dificuldades enfrentadas por Odisseu e os tripulantes, mas também de aventuras sexuais com divindades, que serão tratadas na primeira e terceira seção. Até hoje, o termo *Odisseia* significa viagem ou narrativa aventureira.

Como muitas mulheres, Penélope está ligada às figuras masculinas, inicialmente ao pai e ao marido e depois, aos pretendentes. Ela é, até os dias atuais, considerada um dos primeiros modelos de mulher fiel e dedicada, pois permaneceu assim, enquanto o esposo se ausentou por cerca de vinte anos, ao participar dos eventos ligados à Guerra de Troia. Pelo fato de o rei estar afastado durante muito tempo, acreditavam que já estivesse morto, então, Penélope foi assediada, segundo Atwood, por mais de cem pretendentes que queriam ascender ao trono ao se casar com ela.

Como acreditava que Odisseu estava vivo e também não pretendia escolher um dos pretendentes como esposo, Penélope utiliza do estratagema de tecer uma mortalha para ganhar tempo. Na versão de Atwood, Penélope atribui a inspiração à Deusa Atena:

Eu pensava num meio de adiar o dia da decisão sem me comprometer. Finalmente pensei num ardil. Quando contava a história, depois, eu costumava dizer que Palas Atena, deusa dos tecidos, dera a ideia, e talvez fosse verdade, pelo que sei; creditar aos deuses uma inspiração era sempre um bom modo de evitar acusações de orgulho indevido, se o esquema desse certo, bem como de culpa, caso fracassasse (Atwood, 2020, p. 75)

Conferindo a inspiração à divindade, Penélope teve mais respaldo para poder tecer a mortalha, ganhando tempo até que Odisseu retornasse. Assim a rainha começou a tecitura:

Instalado em seus aposentos um grande tear, pôs-se a tecer um pano delicado e demasiado longo e daí nos disse: “Moços, pretendentes meus, visto como morreu o divino Odisseu, pacientai em vosso ardor pela minha mão, até eu terminar a peça, para que não se desperdice o meu urdume; é uma mortalha para o bravo Laertes, para quando o prostrar o triste destino da dolorosa morte [...] Assim disse ela e nosso altivo coração deixou-se persuadir. Daí, de dia ia tecendo a sua trama imensa; de noite, mandava acender as tochas e a desfazia (Homero, 2013, p. 28).

Após destecer, no outro dia começava novamente a tecer, adiando a escolha de um novo rei. Entretanto, o plano é descoberto, o que faz com que os pretendentes pressionem ainda mais Penélope. Porém, Odisseu volta a tempo para Ítaca, mata todos os pretendentes e também as doze mulheres escravizadas que ajudaram Penélope com o plano, por, equivocadamente, achar que elas estavam mancomunadas com os inimigos.

Percebemos, até este ponto, a maneira como a personagem foi estigmatizada. Entretanto, na releitura de Margaret Atwood, Penélope conta sua perspectiva sobre os fatos estereotipados que lhe renderam fama. Essa visão moderna, passa-se também na atualidade, e é narrada por Penélope no Hades, pós vida mitológico grego, pois já está há milênios morta. Agora, morta, Penélope descobre todas as aventuras de Odisseu e também a forma pela qual ficou conhecida, como modelo de esposa dedicada e casta e pode ressignificar sua história. A narrativa é intercalada pelos cantos das doze companheiras escravizadas e mortas injustamente.

Para efeito de ilustração temos, a seguir, uma pintura de Penélope produzida pelo pintor John William Waterhouse:

Figura 01 – *Penélope e os pretendentes* por John William Waterhouse



Fonte: Site *Feel the art*



Na imagem, Penélope está na posição central, curvada, como se dedicasse a tecer a mortalha, o stratagem usado para adiar a escolha de um pretendente. De um lado, são retratadas as mulheres escravizadas que a auxiliaram na tarefa, e do outro, alguns dos homens que a pressionavam e desejavam ser escolhidos como novo esposo.

Da mesma forma que Atwood reinterpreta um clássico, a poeta e filósofa italiana Christine de Pizan (1364-1431), considerada a primeira escritora profissional, reescreve o clássico *A Cidade de Deus* (426), por Santo Agostinho, em *A Cidade das Mulheres* (1405) considerada a primeira obra feminista da literatura ocidental. Na primeira, a sociedade é dividida entre a sociedade dos homens e a de Deus. Na narrativa de Pizan, é separada pela dos homens e das mulheres. Da mesma forma que Penélope governou na ausência de Odisseu, nesse universo são as mulheres que governam. A autora recupera mulheres de diferentes épocas, e as reinterpreta como símbolo de astúcia e resistência, incluindo Penélope:

Os livros antigos dão vários s de mulheres castas e virtuosas. Entre as danas pagãs, Penélope, esposa do príncipe Ulisses, foi uma mulher de grande virtude, mas, de todos os méritos, era a castidade exemplar o que era mais louvado. Encontramos sua história em várias crônicas. Essa mulher conduziu-se de forma irrepreensível durante os dez anos que seu marido ficou sitiado em Troia, e isso com todo o assédio de muitos reis e príncipes, causado pela sua imensa beleza, que ela recusava-se a escutar. Ela era sábia, virtuosa, devota aos deuses e de vida exemplar. Fato mais notável ainda é que ela esperou seu marido dez anos a mais, depois da destruição de Troia (Pizan, 2012, p. 230-231).

Podemos perceber as características que, ao longo da historicidade, foram usadas para descrever Penélope, virtuosa, irrepreensível, sábia. Eram esses os valores esperados (pelos homens) que uma mulher digna tivesse.

### 3.2 ATENA E O PAPEL DE PROTETORA

Depois da Guerra de Troia, datada por volta de 1200 a.C., com duração de cerca de dez anos, Odisseu e seus companheiros seguiram viagem a navio para o retorno a Ítaca, a qual duraria cerca de dezessete anos, porém, eles encontram inúmeras dificuldades criadas, tanto por seres humanos, quanto mitológicos e divinos, como Poseidon, o deus dos mares, que buscava vingança, pois o filho, Polifemo, o ciclope, ter sido cegado por Odisseu.

A ajuda poderia vir de diversas entidades do Olimpo, a morada dos deuses gregos, mas, para isso ocorrer, Odisseu teria que conquistar a benevolência Divina:

A relação que Homero e seus heróis mantêm com os deuses é mais formal do que psicológica e basta fazer sacrifícios para agradar esses deuses ou cometer alguma desmedida para atrair sua ira. Nessa viagem de Ulisses de volta para casa, cheia de peripécias, perigos e desafios, o herói terá muitas oportunidades de provar sua piedade e conquistar o favor dos deuses (Gomes, 2013, p. 22).

O rei de Ítaca agradou os deuses ao realizar feitos heroicos, como o ato decisivo para vencer a Guerra

de Troia ao se esconder dentro do Cavalo de madeira para invadir a cidade. Também, demonstrou coragem ao enfrentar criaturas tais quais sereias e ciclopes.

As grandes interferências na viagem de retorno a Ítaca, tanto para o bem quanto para o mal, vêm de figuras femininas. A principal beneficiadora ao grupo de Odisseu é Atena ou Minerva, deusa da guerra e sabedoria e filha de Zeus. Na tela abaixo, *A luta entre Marte e Minerva* (1711), do francês Jacques Louis David, a Deusa é retratada em uma das cenas da *Ilíada*, na qual luta contra o irmão Ares ou Marte, Deus da guerra:

Figura 2 – *A luta entre Marte e Minerva* por Jacques Louis David



Fonte: Site *Mitologia e Fantasia*

Na cena, temos Ares posicionado no chão, abaixo de Atena, e, por ter sido derrotado pela irmã, está no chão com as armas. Tanto ele quanto outros guerreiros estão em posição inferior em relação à Deusa, que, vitoriosa, está mais acima, ereta e imponente, mantendo o elmo e capacete, elementos ligados à guerra. Essa posição elevada da mulher em relação ao homem não será recorrente nas obras visuais ao longo do trabalho. Percebemos outra figura feminina divina, mas desnuda, flutuando nas nuvens. A nudez feminina é um elemento frequente nas pinturas, principalmente de autoria masculina, e, por este motivo, nos questionamos se há real necessidade de o artista, homem, retratar a mulher de forma erotizada.



A intercessão de Atena a Ulisses vem desde o início da Guerra de Troia. Dos Santos (2015) discorre sobre os motivos que a levaram a tomar partido do herói:

A influência no destino do herói Odisseu por parte de Atena se inicia na *Iliada*, já que Atena ajudou os gregos em tudo que pôde para fazê-los vencer a Guerra de Tróia. Desta forma, sendo defensora dos gregos estaria também sendo de Odisseu. Um dos motivos que fez Atena ser a favor dos gregos foi o fato de no Julgamento de Páris, este ter escolhido Afrodite como a mais bela já que ela o ofereceu a mulher mais bela do mundo, Helena (Santos, 2015, p. 17-18).

No relato, percebemos que o motivo para Atena ajudar os gregos está relacionado à vaidade e uma possível intriga entre as Deusas Atena e Afrodite, configurando estereótipos femininos, como ciúmes, inveja e rivalidade feminina.

Independentemente dos motivos, Atena, em diversos momentos, aconselha ou ajuda o herói no retorno. Destacamos mais duas ocasiões em que Atena o ajuda: no início da narrativa homérica, a Deusa recomenda a Telêmaco, filho de Odisseu, a deixar a ilha e ir atrás do pai para poder auxiliá-lo: “Ocorre então uma conversa. Atena aconselha Telêmaco a ir procurar seu pai primeiro em Pilo, cidade de Nestor, depois em Esparta, cidade de Menelau. Ela parte dando sinais de que é deusa. Acontece, entretantes, a festa dos pretendentes” (Homero, 2015, p. 18). Essa orientação é essencial, pois, só diante disso, Odisseu consegue retornar para casa.

Em seguida, a estratégia usada por Odisseu para conseguir chegar em segurança, é que se transforme em um mendigo ou velho, para não ser reconhecido: “Atena aconselha Odisseu perto da costa sobre a Morte dos pretendentes. Ela esconde seus pertences em uma caverna e transforma Odisseu em um velho” (Homero, 2015, p. 281). Dessa forma, nem mesmo os opositores e até Penélope o reconheceriam facilmente. Podemos, então, perceber que, mesmo sendo considerado um grande herói, Odisseu necessita da proteção feminina para retornar ao reinado.

### 3.3 CIRCE: ETERNIZADA SEDUTORA E PERIGOSA

Um dos perigos enfrentados na viagem até Ítaca se dá quando Odisseu encontra a Deusa-ninfa Circe que, segundo Kate Hodges, é a “primeira bruxa da literatura ocidental e que serviu de modelo por séculos para as feiticeiras”, (2022, p. 18). Grande é a importância dada a ela, porém, muitas vezes, esse modelo foi visto de forma negativa, pois as mulheres, ligadas às práticas espirituais, também são condenadas por serem consideradas bruxas, uma vez que “ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas” (Perrot, 2019, p. 89). Circe estava ligada a essas práticas.

Pizan (2012) também discorre sobre a história de Circe, destacando sua importância, como a Rainha de sua ilha:



Essa mulher conhecia tanto a arte da magia que podia conseguir tudo que queria pela força de seus sortilégios. Ela conhecia uma bebida que tinha a virtude de transformar os homens em animais selvagens e em pássaros. Temos a prova na história de Ulisses. Ele voltava, depois da destruição de Troia, pensando estar se dirigindo ao seu país, a Grécia, quando ventos e fortuna carregaram seus navios de um lado para o outro na tempestade, até chegar, por fim, ao porto da cidade da rainha Circe. Mas, como o sábio Ulisses não quis desembarcar sem a permissão e o consentimento da rainha do lugar, enviou seus cavaleiros até a rainha para saber se lhe agradaria que eles descessem à terra. Mas, aquela dama, suspeitando que fossem inimigos, ofereceu-lhes um pouco de sua bebida, transformando-os, imediatamente, em porcos. Mas Ulisses não tardou a ir até ela e, tanto fez, que a persuadiu a restituir o aspecto original deles (Pizan, 2012, p. 134).

Na narrativa, Odisseu, quando chega à ilha de Eeia, a descreve como “Circe de belas tranças, terrível deusa de fala humana (...) de pernicioso pensamento” (Homero, 2011, p. 283). Além de analisar aspectos físicos, como os cabelos, temperamento e personalidade também são julgados. Por ser considerada bruxa, Circe deveria ser temida, tais quais outras mulheres que ao longo da historicidade também foram classificadas desta maneira, pois as bruxas “sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revolucionárias [...] Você é uma Bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal” (Morgan, 1970 *apud* Federici, 2023, p. 300).

Por confiar em sua capacidade e poderes, Circe não tinha medo de enfrentar os homens que ousavam invadir o território. Para efeito de ilustração, temos a seguir uma pintura de Circe, intitulada *Odyseus and Circe* (1585) do pintor belga Bartholomaeus Spranger (1546-1611):

Figura 2 – *Odysseus and Circe* por Bartholomaeus Spranger



Fonte: Site *WikiArt*

Ao analisarmos a pintura, identificamos que Ulisses está entrelaçado à Circe, mas pela expressão e posição facial parece se afastar, como se a rejeitasse. Estão cercados por animais, tais quais cachorro, javali e cavalo, que seriam, na verdade, homens enfeitados. Notamos, novamente, a nudez feminina, pois Circe aparece com seus seios expostos e de forma sensual, reiterando a forma estereotipada que as mulheres são representadas ao longo da história, não somente na escrita ou na oralidade, mas também nas artes visuais.

Circe vivia em “seu palácio, situado em uma clareira do bosque cercado por leões e lobos que não haviam nascido de feras, mas homens que haviam sido transformados em animais pela força de seus feitiços” (Robles, 2019, p. 105). Animais que conduziram os tripulantes de Odisseu até a comandante da Ilha. Circe seduz os homens com um banquete enfeitado para, depois, com uma vara mágica, transformar parte da



tripulação em porcos.

A estratégia de Circe para se proteger dos recém-chegados à ilha era converter a tripulação em porcos. Podemos relacionar a espécie dos animais transformados com “o lema da segunda onda feminista e do grito ‘porcos machistas’, o que reforça o quanto as ações de Circe reverberaram” (Hodges, 2022, p. 20). Grito que até hoje demonstra a indignação das mulheres ao caráter animalesco e selvagem dos homens.

Poucos homens não foram transformados em animais, entre eles Euríloco e Odisseu. O primeiro conduziu os vinte e dois homens até a ilha, mas, percebendo a intenção de Circe, evitou aproximar-se. Já Odisseu, inicialmente, salvou-se, pois ficou cuidando do navio. Entretanto, no decorrer da narrativa, o herói é ajudado pelos deuses a evitar o feitiço. O Deus mensageiro, Hermes, enviado pelos Deuses para protegê-lo, sugere que ingira uma erva, para não ser enfeitiçado e também o instrui a se proteger da transformação em porco:

Logo que Circe com sua varinha tocar-te no corpo, saca depressa da espada cortante, que ao lado te pende, e contra a deusa arremete, mostrando intenção de matá-la. Ela, com medo, há de, então, implorar-te que ao leito a acompanhes. De forma alguma te negues subir para o leito da deusa, para que os sócios te queiram livrar e tratar-te benigna (Homero, 2015, p. 117).

Dessa forma, sendo ajudado por Hermes, Odisseu deita-se com a Deusa para conseguir a promessa de que ela não faça novas armadilhas. Assim, conquista a saída e libertação da ilha, além de impedir que os companheiros sejam transformados em porcos novamente:

E foi assim que, de permeio a rituais sagrados, Circe empenhou o juramento em nome de todos os deuses benditos de devolver à forma humana não somente os companheiros de Ulisses, mas todos os demais desgraçados que mantinha em cativo sob a forma de bestas, e ainda jurou que jamais faria coisa alguma que pudesse prejudicá-lo enquanto estivesse adormecido (Robles, 2019, p. 110-111).

Circe cumpriu a promessa e desfez a transformação. Entretanto, acabou seduzindo Odisseu, mas não o enfeitiçando “com qualquer substância arcana, mas a deusa utilizou seus liames de amor a fim de mantê-lo preso a seu leito” (Robles, 2019, p. 113) assim, prendendo na ilha por mais tempo, o que ocasiona na geração de filhos do relacionamento.

Depois de um ano de encanto, Odisseu relembra Circe da promessa de libertação, e assim, a Deusa cumpre com a palavra. Circe ainda os ajuda a se protegerem contra o canto das sereias que os iriam enfeitiçar no decorrer da viagem. Desta forma, podemos perceber que, na narrativa homérica, as personagens femininas, ligadas ao divino, são retratadas de forma sedutora e também perigosas ou em função de auxiliar o homem, retratado em posição de herói.

#### 4 CONCLUSÃO

A proposta desse trabalho foi analisar a representação da figura feminina por meio das personagens



Atena e Circe, além de Penélope, ressignificada na obra *A Odisseia De Penélope* (2005) de Margaret Atwood, para discorrermos de quais formas as mulheres foram representadas nas artes visuais e literárias por artistas homens. Na análise percebemos que, tanto no universo ficcional quanto real, a figura feminina foi retratada de acordo com concepções patriarcais, colocando a mulher em uma posição secundária em relação ao homem, a “bela, recatada e do lar”, condição esta construída por discursos fundadores e milenares que impõem a condição feminina como submissa, dependente, não dona de saber, do ser e do próprio viver.

Ao analisar as obras e personagens, constatamos que a representação é e vem sendo retratada nas artes visuais por homens ainda sobre o ponto de vista patriarcal, que coloca a mulher em uma condição subalterna. Assim, esses discursos, são de dominação masculina de e sobre o corpo e a vida das mulheres, sendo vistas ainda como propriedade masculina.

As mulheres divinas destacadas, Atena, Circe e a mítica Penélope estão representadas e relacionadas a uma figura masculina, Ulisses. Atena, auxilia e protege o Herói, contribuindo para se libertar de perigos quantos os de Circe, que o seduz e aprisiona. Penélope é o exemplo de mulher que espera fiel e pacientemente o esposo, porém, podemos considerar que Margaret Atwood, pela sua escrita, questiona e denuncia as maneiras que mulher é subjugada e assediada. Penélope é alvo de investidas masculinas desmedidas. Desta forma, ela pode contar sua versão dos fatos e tomar posição de equidade e importância, possibilitando que outras mulheres também possam se autorrepresentar.



## REFERÊNCIAS

A luta entre Marte e Minerva. Mitologia e Fantasia. Atena: Deusa da sabedoria. Disponível em: <https://mitologiaefantasia.wordpress.com/2016/08/01/atena-deusa-da-sabedoria/>. Acesso em: 12/09/2024/.

ATWOOD, Margaret. A odisseia de Penélope. Tradução: Celso Nogueira. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

CHARTIER, Roger. A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. A história cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2015.

GOMES, Cassiane Oliveira De Souza. Os desafios do herói e a ajuda dos deuses em Homero e Bunyan. Revista Temporis [ação] (ISSN 2317-5516), v. 13, n. 2, p. 16-26, 2013.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa, corpos e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycoraz – 2ªed. São Paulo: 2023.

HODGES, Kate. Bruxas, guerreiras, deusas: as mulheres mais poderosas da mitologia. Tradução Maíra Mendes Galvão. Ubatuba, SP: Livros da Raposa Vermelha, 2022.

HOMERO. Odisseia. Tradução Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013

Odysseus and Circe. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/bartholomaus-spranger/odysseus-and-circe-1585>. Acesso em 20 setembro de 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

Penélope e os pretendentes (1912), de John William Waterhouse. Feel the art. Disponível em: <https://app.fta.art/pt/artwork/04b2e10e26e0a817e179ad02a621134ccf16a560>. Acesso em 17 setembro de 2024.

PIZAN, Christine de. A cidade das damas. Tradução e apresentação Luciana Eleonora de Freitas Calado. Deplagne; prefácio Ildney Cavalcanti. -Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

RAGO, Margareth. Gênero e história. 1. ed. Compostela: CNT, 2012.

SANTOS, Isabela Batista dos. A deusa tecelã de destinos: uma leitura da interferência de atena no destino do herói odisseu. In: Anais do II Encontro de Estudos Clássicos da Bahia, Salvador, BA, 22 a 24 de abril de 2015 / Renato Ambrosio, Tereza Pereira do Carmo, Zélia Gonçalves dos Santos, (orgs.) ; Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. - Salvador: UFBA, 2015.